

China foi o país que mais importou alimentos do Brasil em 2014 – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 19/01/2015

As importações chinesas somaram US\$ 22,07 bilhões. Em seguida estão os Estados Unidos, Países Baixos, Rússia e Alemanha

China, Estados Unidos, Países Baixos, Rússia e Alemanha foram os cinco países que mais importaram produtos agropecuários brasileiros, entre janeiro e dezembro de 2014, segundo dados do Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AgroStat). Juntos, os países somaram US\$ 42,32 bilhões, o que representa 43,7% do valor total importado.

De acordo com o ranking gerado pelo sistema, a China ficou em primeiro lugar, com a soma de US\$ 22,07 bilhões. O complexo soja foi o destaque, que atingiu a cifra de US\$ 17,01 bilhões, sendo que US\$ 16,62 bilhões foram de soja em grãos. O segundo setor brasileiro mais importado foram os produtos florestais, com o montante de US\$ 1,89 bilhão. Nesse setor, o destaque foi a celulose, que somou US\$ 1,71 bilhão.

Em segundo colocado estão os Estados Unidos, com o montante de US\$ 7 bilhões em importações do Brasil. Os produtos florestais ficaram em primeiro lugar nas importações do país, com US\$ 2,15 bilhões, sendo que US\$ 974 milhões foram de celulose. Em seguida, veio o café, com a soma de US\$ 1,30 bilhão.

Os Países Baixos ocuparam a terceira posição no ranking, com US\$ 6,13 bilhões em importações. Deste valor, o complexo soja foi responsável por US\$ 2,90 bilhões, com destaque para o farelo de soja, que alcançou a cifra de US\$ 1,89 bilhão. O segundo setor que mais exportou para o país foi o de produtos florestais, com a soma de US\$ 968 milhões, sendo US\$ 906 milhões de celulose.

A Rússia ficou em quarto lugar, com importações que atingiram o montante de US\$ 3,65 bilhões. O setor de carnes foi destaque e somou US\$ 2,44 bilhões. Deste valor, US\$ 1,31 bilhão foi de carne bovina, US\$ 811 milhões de carne suína e US\$ 303 milhões de carne de frango. O complexo sucroalcooleiro foi responsável por US\$ 540 milhões das importações do país.

Com a cifra de US\$ 3,48 bilhões, a Alemanha ficou com a quinta posição no ranking. O produto mais importado por esse país, no ano passado, foi o café, com a soma de US\$ 1,30 bilhão. Em segundo lugar verificou-se o complexo soja, com US\$ 1,12 bilhão, dos quais US\$ 795 milhões são relativos ao farelo de soja.

Presidente da CNA recebe embaixador da Holanda no Brasil – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 21/01/2015

O presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins da Silva Júnior, recebeu, nesta quarta-feira (21/1), em Brasília, o embaixador da Holanda no Brasil, Han Peters, e a conselheira de agropecuária da embaixada, Patricia de Vries, para uma visita de cortesia na sede da entidade. No encontro, eles discutiram a possibilidade de maior cooperação no setor agropecuário entre os dois países, uma vez

que os holandeses possuem tecnologia de ponta em setores como a pecuária de leite e fruticultura.

“Queremos mais cooperação com o Brasil. Temos muito a fornecer e os brasileiros têm muito a ganhar”, disse o representante do Reino dos Países Baixos. Além da pecuária de leite, o embaixador e a conselheira também propuseram parcerias para os setores de horticultura e fruticultura. Por sua vez, o presidente da CNA destacou a necessidade de o setor levar mais tecnologia a todos os produtores rurais do país, além da assistência técnica e extensão rural. “Não adianta termos tecnologia se não levarmos isso ao produtor”, ressaltou.

Segundo João Martins, um dos desafios da CNA é ampliar a classe média rural brasileira, o que só será possível com investimentos em educação, além da assistência técnica e transferência de tecnologia. Neste aspecto, uma das ações para atingir este objetivo é o programa Assistência Técnica e Gerencial com Meritocracia do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que já atendeu 30 mil propriedades rurais e tem como meta chegar a 100 mil nos próximos dois anos. Outra iniciativa foi a criação da Faculdade CNA, para acelerar o processo educacional e de capacitação profissional no setor.

O presidente da CNA relatou ao embaixador o potencial de irrigação no Brasil e a produção de frutas no Nordeste, principalmente no Vale do São Francisco, uma das principais regiões produtoras de manga, uva e vinho do país. Falou, ainda, sobre projetos de pecuária leiteira no oeste da Bahia. Também participaram do encontro o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Amazonas (FAEA), Muni Lourenço, o secretário-executivo do SENAR, Daniel Carrara, e a superintendente adjunta de Relações Internacionais da CNA, Aline Oliveira.

Comércio – Em 2014, a balança comercial entre Brasil e Holanda gerou superávit de US\$ 5,8 bilhões para o Brasil, que exportou US\$ 6,1 bilhões e importou US\$ 300 milhões. O saldo teve queda de US\$ 1 bilhão na comparação com 2013.

SDA define regras para importar pera da Holanda – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 22/01/2015

Requisitos fitossanitários foram publicados no Diário Oficial

Os requisitos fitossanitários para importação de frutos de pera da Holanda foram definidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. As regras que deverão ser seguidas pelo país exportador foram publicadas no Diário Oficial da União pela Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) no início desta semana.

Os frutos para comercialização deverão estar acompanhados de um Certificado Fitossanitário (CF), emitido pela Organização Nacional de Proteção Fitossanitária (ONPF) da Holanda. As Declarações Adicionais, que acompanham o CF, deverão especificar que o envio da pera se encontra livre de: *Gymnosporangium spp.*, *Cydia pomonella*, *Tetranychus pacificus*, *Neonectria galligena*, *Phytophthora syringae*, *Tetranychus viennensis*, *Spilonota ocellana*, *Monilinia fructigena*, *Cacopsyllapyri*,

Diaspidiotuspyri, Diaspidiotusostreaeformis, Dysaphispyri, Epitrimeruspyri, Agrilussinuatus, Erwiniaamylovora e Hoplocampabrevis.

Além disso, o CF deve contar com a seguinte declaração: “Os frutos de pera não apresentam risco quarentenário com respeito à praga Cydiapomonella, considerando a aplicação do sistema integrado de medidas para diminuição do risco, oficialmente supervisionado e acordado com o país importador”.

Políticas sociais brasileiras atraem delegações de 92 países – Site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). 22/01/2015

Desde 2011, Brasil recebeu 345 missões interessadas no intercâmbio de experiências em desenvolvimento social

Brasília, 22 – O sucesso das políticas brasileiras de proteção social e os avanços na redução da pobreza têm atraído cada vez mais países interessados em reduzir as desigualdades. Entre 2011 e 2014, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) recebeu 345 missões de 92 países. Desse total, 95% vieram de países em desenvolvimento.

As delegações estrangeiras querem aprender com a experiência em política social do Brasil, incluindo lições sobre o que funcionou e a maneira como as soluções inovadoras do programa Bolsa Família e do Plano Brasil Sem Miséria foram colocadas em prática. O resultado dessas políticas articuladas foi a superação da extrema pobreza em termos de renda no país.

Trinidad e Tobago, por exemplo, foi um dos países com interesse no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, instrumento que, além de identificar e caracterizar os brasileiros mais pobres, permite ao poder público agir para diminuir sua pobreza, nas várias dimensões em que ela se manifesta.

“O Cadastro Único é uma das chaves do sucesso da estratégia de combate à pobreza, porque as informações são usadas não apenas para os programas do MDS, mas também para os programas de outros ministérios e dos governos estaduais e municipais”, explica Cláudia Maciel, chefe da Assessoria Internacional do MDS.

Já os representantes de Cuba vieram ao Brasil conhecer aspectos da transparência e do controle social do Bolsa Família. Também demonstraram interesse pela forma como é feito o pagamento do programa, diretamente aos beneficiários por meio de cartão bancário, e pelo impacto positivo no crescimento econômico – cada real investido no Bolsa Família estimula um crescimento de R\$ 1,78 no PIB.

O interesse internacional e o sucesso dos programas brasileiros fizeram com que o Brasil fosse escolhido pelo Banco Mundial para sediar uma das experiências de plataformas virtuais de conhecimento promovidas pelo organismo, a World Without Poverty (Mundo sem Pobreza).

A WWP elabora documentos e produz material multimídia sobre o desenho, a implementação e os instrumentos inovadores de gestão de diversos programas e ferramentas sociais, e possibilita o compartilhamento, com o resto do mundo, de lições

extraídas da experiência brasileira. A iniciativa resulta da parceria entre o MDS, o Banco Mundial, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (International Policy Centre for Inclusive Growth - IPC-IG).

Cooperação – Segundo Cláudia Maciel, com a vinda das delegações, foi possível firmar acordos de cooperação técnica, em parceria com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e a Coordenação-Geral de Ações de Combate à Fome (CGFOME) do Ministério das Relações Exteriores.

Entre 2011 e 2014, foram nove projetos de cooperação bilateral, dois projetos de cooperação trilateral, com intermediação da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), e um projeto de cooperação com o Instituto Social do Mercosul (ISM).

Um deles é o PAA África, iniciativa inspirada no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do MDS que compra alimentos produzidos pela agricultura familiar para a merenda escolar. O projeto ajuda países africanos a aproveitar a experiência brasileira de segurança alimentar e nutricional para o desenho de suas próprias estratégias de desenvolvimento.

Além dos projetos de cooperação, o MDS promove seminários internacionais para atender à demanda crescente dos países pelas tecnologias sociais brasileiras. Desde 2012, já foram promovidas nove edições do seminário “Políticas Sociais para o Desenvolvimento”, com a participação de 66 delegações de 47 países. Durante o evento, os estrangeiros têm a oportunidade de visitar propriedades da agricultura familiar e bancos de alimentos, além de conhecer equipamentos relacionados aos programas sociais, como os Centros de Referência de Assistência Social (Cras).

Brasil e Venezuela estreitam relações para comércio bilateral agropecuário – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 23/01/2015

Reunião aconteceu na última quinta-feira (22), em Caracas. O país enviará missão ao Brasil em abril deste ano.

Representantes da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) e Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), reuniram-se, nessa quinta-feira (22), com os técnicos dos Ministérios da Agricultura e Terras, da Saúde e da Alimentação da Venezuela para tratar de temas agropecuários de interesse bilateral. Entre eles, a exportação de carnes do Brasil para aquele país. A reunião aconteceu na Embaixada do Brasil, em Caracas.

Ao fim da reunião, ficou concluído que a governo venezuelano enviará missão ao Brasil em abril, para verificação dos controles oficiais dos produtos exportados e, como consequência, a possibilidade de incluir novos estabelecimentos exportadores na lista atual, que hoje conta com cerca de 200 empresas. Ficou decidido ainda que, enquanto a missão não acontece, a lista atual desses estabelecimentos será prorrogada até maio deste ano.

Além disso, haverá a criação de um grupo de trabalho para discutir as condições que autorizaram o Mapa indicar os estabelecimentos exportadores de carnes para a Venezuela. Outro ponto discutido foi a possibilidade de iniciar exportação de produtos lácteos do Brasil para aquele país. Haverá ainda a criação de canal oficial de comunicação para facilitar a troca de informações e solução de pendências comerciais e a continuidade na discussão sobre procedimentos de certificação para a exportação de gado em pé ao país.

Todos os participantes concordaram em dar continuidade às reuniões técnicas para minimizar entraves no comércio e trocar informações oficiais de interesse bilateral.

Saiba mais

Em 2014, a Venezuela foi o terceiro maior importador de carne bovina brasileira. No mesmo ano, o Brasil exportou US\$ 3,05 bilhões em produtos do agronegócio para aquele país. Apenas em produtos do setor de carnes foi exportado US\$ 1,35 bilhão, sendo US\$ 904 milhões de carne bovina e US\$ 428 milhões de carne de frango.

Venezuela quer ampliar importação de itens agropecuários do Brasil – Valor Econômico, Agronegócios. 23/01/2015

SÃO PAULO - O governo venezuelano enviará missão ao Brasil em abril para verificação dos controles oficiais dos produtos do agronegócio brasileiro exportados à Venezuela e para avaliar a possibilidade de incluir novos estabelecimentos exportadores na lista atual, que tem cerca de 200 empresas. Carnes estão entre os principais itens exportados pelo Brasil ao mercado venezuelano. A informação foi divulgada hoje pelo Ministério da Agricultura brasileiro.

Segundo informou a Pasta em comunicado, a decisão de enviar a missão foi tomada após reunião ontem entre representantes da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio e da Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura brasileiro e técnicos dos Ministérios da Agricultura Venezuela, na embaixada do Brasil em Caracas.

Enquanto a missão venezuelana não vem, a lista atual dos estabelecimentos será prorrogada até maio deste ano, segundo o comunicado.

Os representantes dos dois países também decidiram criar um grupo de trabalho para discutir as condições que autorizaram o ministério a indicar os estabelecimentos exportadores de carnes para a Venezuela. Também será criado, segundo a nota do ministério, um canal oficial de comunicação “para facilitar a troca de informações e a solução de pendências comerciais e a continuidade na discussão sobre procedimentos de certificação para a exportação de gado em pé ao país”.

De acordo com o Ministério da Agricultura, em 2014, a Venezuela foi o terceiro maior importador de carne bovina do Brasil. O país exportou US\$ 3,05 bilhões em produtos do agronegócio à Venezuela. As vendas do segmento de carnes totalizaram US\$ 1,35 bilhão, sendo US\$ 904 milhões de carne bovina e US\$ 428 milhões de carne de frango.

CNA vai monitorar os possíveis impactos para o Brasil da política francesa de estimular a produção de proteínas vegetais – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 26/01/2015

A França pode reduzir o ritmo de suas compras de produtos agropecuários do Brasil, especialmente do complexo soja, nos próximos anos, reflexo de uma decisão do ministro da Agricultura francês de aumentar a produção interna de plantas com alto teor de proteína vegetal até 2020.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) vai monitorar os impactos comerciais da medida, financiada por recursos da Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia. O monitoramento será feito pela Superintendência de Relações Internacionais (SRI), que aborda este e outros temas na mais recente edição do “Boletim do Agronegócio Internacional”.

No período estipulado pelo ministro Stéphane Le Foll, serão concedidos aos agricultores franceses entre 100 e 200 euros – o que varia entre R\$ 303 e R\$ 606, em valores aproximados, – ao ano por hectare cultivado. A avaliação é que estas culturas não são competitivas na França e, se os subsídios forem removidos, a produção deve voltar aos baixos níveis.

As metas do plano são reduzir a dependência dos criadores franceses de gado, suínos e aves das importações de proteínas vegetais, e diminuir o uso de fertilizantes nitrogenados, incentivando a produção de soja não-transgênica em substituição ao milho. Além de ervilhas-do-campo, favas, tremoço e alfafa, a soja está no grupo de plantas com alto teor de proteína vegetal.

O farelo de soja representou 55,6% dos embarques do Brasil para o mercado francês em dezembro. A França foi o país europeu que mais ampliou as compras de produtos agropecuários do Brasil no período, na comparação com o mesmo mês de 2013, com gastos de US\$ 180,2 milhões no último mês de 2014.

No boletim, a equipe da superintendência também avalia o desempenho do setor agropecuário em 2014. As exportações de produtos agropecuários responderam por 43% das vendas externas do país. São Paulo lidera o ranking, com 19% do total. Na sequência, estão Mato Grosso (15% de participação), Paraná e Rio Grande do Sul (cada um com 13%). Minas Gerais exportou 8% do total.

Escritório do USDA eleva projeção de colheita de trigo na Argentina – Valor Econômico, Agronegócios. 28/01/2015

SÃO PAULO - O escritório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) na Argentina prevê que o país produzirá 12,5 milhões de toneladas de trigo no ano-safra atual, 2014/15, 500 mil toneladas mais que a projeção oficial do órgão americano anunciada no último dia 12.

O cálculo é feito com base em uma estimativa maior de área de plantio que passou de 4,1 milhões para 4,2 milhões de hectares. E também devido ao relato dos agricultores sobre a produtividade. “Em geral, os rendimentos têm sido maiores que a média, porém

um pouco menores do que as expectativas iniciais dos agricultores devido as altas temperaturas no centro do país e excesso de chuvas na província de Buenos Aires“, diz documento divulgado pelo escritório e assinado por Jen Joseph.

O escritório do USDA na Argentina também projeta que o país vá exportar 500 mil toneladas mais do que o divulgado no relatório oficial de 12 de janeiro, com um total de 6,5 milhões de toneladas. Entretanto, declara que há incertezas neste cenário devido as eleições presidenciais no final do ano. “O novo governo vai assumir no início de dezembro e a maioria dos analistas espera mudanças políticas significativas, que podem facilitar o aumento das exportações”.

Segundo o escritório do USDA, os produtores argentinos estão muito insatisfeitos com a política atual de restrição às exportações, que abre apenas pequenas brechas para as vendas de vez em quando. Até o momento, os produtores têm autorização para vender apenas 2,6 milhões de toneladas do cereal e 300 mil toneladas de farinha de trigo. O potencial de exportação nesta safra é de 8 milhões de toneladas, diz o USDA. “Devido a esta situação, os produtores estão ganhando entre US\$ 40 e US\$ 60 por tonelada menos do que a base de paridade com o mercado de Chicago deveria ser”.

Ministro destaca importância do cooperativismo para o Brasil. Gabriella Bontempo – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 29/01/2015

“Estou cada vez mais convencido que o cooperativismo é o caminho para construirmos uma sociedade mais justa”, afirmou o ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias, durante o encontro com a União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias (Unicopas), nesta quinta-feira (29), em Brasília (DF). A reunião faz parte do compromisso assumido pelo ministro de manter um canal aberto de diálogo com movimentos sociais e entidades ligadas ao campo.

Segundo Patrus, o fortalecimento do cooperativismo faz parte da sua história política e o intuito, como titular do MDA, é de promover o tema. “Vamos trabalhar juntos e vamos levar esse assunto, que é muito forte para nós, para outras esferas governamentais”, propôs aos presentes.

Criada há um ano, a Unicopas é a junção de três entidades cooperativistas: a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes), a Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol Brasil) e a Confederação das Cooperativas da Reforma Agrária do Brasil (Concrab).

Para o secretário do grupo, Francisco Dal Chiavon, a meta da Unicopas é de representar política e economicamente o universo de 2,5 mil cooperativas brasileiras. “Nós temos um número grande de cooperativas formalizadas. Queremos que elas sejam representadas e tenham organização econômica, no que diz respeito à gestão e profissionalismo”, ressaltou. Entre os pontos essenciais destacados para o desenvolvimento do setor estão a Assistência Técnica e a Extensão Rural (Ater) e o crédito à agricultura familiar.

Um dribble no Mercosul. Pedro Luiz Passos – Folha de São Paulo, Colunistas. 30/01/2015

Além da provação de assistir à humilhante queda da seleção na Copa do Mundo promovida na própria casa a um custo bilionário, o Brasil sofreu outro revés em 2014, potencialmente mais lesivo ao interesse nacional que a goleada de 7 a 1, com o acordo com a China, aprovado pelo Congresso da Argentina no último dia útil de dezembro.

Tal como os alemães na inominável derrota da seleção, a Argentina ignorou a parceria histórica com o Brasil, mediada pelo Mercosul, e foi atrás de seus interesses ao fechar o tratado de investimentos e comércio com a China. As negociações entre a presidente Cristina Kirchner e o líder Xi Jinping foram rápidas: duraram menos de um semestre.

Intitulado Convenio Marco de Cooperación en Materia Económica y de Inversiones, o tratado entre dois dos maiores sócios estratégicos da economia brasileira reforça a urgência de o Brasil se inserir de forma ativa nesse jogo cada vez mais disputado dos grandes acordos.

Depois de se servir das regras do Mercosul (que estabelecem adesão conjunta dos sócios a tratados comerciais com outros blocos e países) para embarçar negociações de interesse do Brasil, como a que se arrasta com a União Europeia, a Casa Rosada não se fez de rogada ao buscar o que lhe convém: capitais externos, que secaram desde a moratória da dívida da Argentina, em 2001.

Mais amplo do que costumam ser acordos do gênero, a aliança entre Buenos Aires e Pequim abre a possibilidade para que firmas chinesas tenham presença em níveis até hoje inéditos no continente. Segundo os compromissos assinados, os chineses vão investir na geração de energia elétrica, na indústria, na produção de equipamentos ferroviários e até em pesquisas espaciais.

Em contrapartida, as empresas poderão trazer mão de obra da China e importar insumos e equipamentos em condições mais vantajosas que as concedidas a outros parceiros comerciais.

Outra franquia incomum foi a entrega a empreiteiras chinesas, sem licitação, da construção de duas usinas hidrelétricas, igualmente com facilidades alfandegárias exclusivas aos membros do Mercosul.

Seja pelo momento em que tal acordo foi aprovado, seja pela falta de prioridade que o Brasil tem dado à questão da competitividade, o assunto não suscitou os debates que, a nosso ver, deveriam ensejar.

Embora seus efeitos não estejam plenamente mensurados, esse acordo deverá acentuar o já significativo avanço chinês sobre os mercados de empresas brasileiras, sobretudo na América Latina.

Segundo estudos do Iedi, as vendas brasileiras para o Mercosul e a América Latina, entre 2008 e 2012, cresceram, respectivamente, 4,6% e 4,3%, enquanto as exportações chinesas para os dois blocos voaram ao ritmo de 74% e 115%. Tal competição é assimetricamente desigual.

A indústria brasileira vai ressentir-se ainda mais com a expansão chinesa na vizinhança, já que os incentivos previstos nesse acordo permitem que os produtos da China fabricados na Argentina se tornem mais competitivos que os brasileiros. Pode ser um golpe letal para a nossa indústria, dependendo de como reaja o governo brasileiro, e até o nosso produtivo agronegócio pode ser prejudicado.

Tais desdobramentos (ainda potenciais, mas prováveis) decorrem de dois fatores que, juntos, explicam também a decrescente fatia do país no comércio global de manufaturados. O primeiro é externo e vem da agressividade chinesa em novos mercados desde a crise de 2008.

O segundo fator é interno, devido à alienação do Brasil em relação aos grandes acordos comerciais e à dinâmica das cadeias globais de valor –fatores que hoje movimentam o comércio internacional. Esse processo precisa ser revertido. Condições existem. Temos um parque industrial amplo e diversificado. E também estão presentes no país praticamente todos os grupos líderes das redes globais de produção.

O que se deve fazer é tirar proveito do que já temos, removendo os obstáculos, como ônus fiscais, gargalos na infraestrutura e a baixa integração internacional. Mudar tal panorama requer estratégia externa inteligente e desinibida. Não será com um Mercosul capenga, como constata o pragmatismo da Argentina, que se farão as transformações necessárias. Vícios ideológicos não são conselheiros eficazes de nenhuma política externa bem-sucedida.
